

# Bastidores da pesquisa sobre as cartas de Afrânio do Amaral na casa de Paulo Vanzolini

*Backstage of research on the correspondence of the Afrânio do Amaral at the home of Paulo Vanzolini*

Myriam Elizabeth Velloso Calleffo<sup>1</sup>  
Suzana Cesar Gouveia Fernandes<sup>2</sup>

1  
Bióloga formada pela PUC Campinas com Mestrado Profissionalizante em Turismo e Meio Ambiente pelo SENAC e Especialização em Arqueologia Brasileira pelo MAE/USP. Conheceu Vanzolini no início da década de 1990 pela interface com a arqueologia em estágio no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, e foi ele quem a introduziu na Herpetologia. Participou em várias consultorias ambientais coordenadas e/ou indicadas por Vanzolini. Lotada no Laboratório de Herpetologia do Instituto Butantan desde 1993, desenvolve pesquisa em herpetofauna e atua nas áreas de zoologia, zooarqueologia, etnobiologia e patrimônio no âmbito de coleções, políticas de conservação e biodiversidade de fauna silvestre. Participa desde 2008 em dois subprogramas do INCTtox com ações na Amazônia.

2  
Historiadora, Mestre em Arqueologia e Doutora em História Social, ambos pela Universidade de São Paulo. É Diretora do Núcleo de Documentação do Centro de Desenvolvimento Cultural do Instituto Butantan desde 2010, onde desenvolve pesquisa nas áreas de patrimônio cultural e arquivos científicos no âmbito de acervos públicos de Ciência e Tecnologia. Também participa em dois subprogramas no

Como zoólogo e músico, Paulo Emílio Vanzolini demonstrou que a disciplina, às vezes árdua e quase sempre sacrificante, caminha junto com uma certa sensibilidade que torna compreensível a dedicação para aquilo que vai além do que é esperado. Vanzolini tinha a habilidade de entender isso e trabalhou desta forma durante toda a sua vida, inclusive na pesquisa sobre as cartas de Afrânio do Amaral.

Afrânio Pompilio Bransford do Amaral foi diretor do Instituto Butantan em períodos distintos (1921, 1928 a 1938 e em 1953 a 1956). Formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, passou muitos anos na Harvard University School of Public Health, em Boston, Estados Unidos. Desenvolveu sua carreira científica dedicando-se à Ofiologia e dirigindo os Institutos Butantan e o Antivenin Institute of America, quando que se destacou como filólogo e herpetólogo, além do envolvimento com as questões relativas à formação e gestão dos institutos públicos nacionais. Sua principal obra foi *Serpentes do Brasil - Iconografia Colorida* (1978), que teve grande repercussão nacional e internacional.

A despeito do pouco interesse que as correspondências de Afrânio do Amaral despertavam em Vanzolini, no que diz respeito à vida pessoal do cientista, ele viu a oportunidade de discutir a ciência por meio dessas cartas. Reconhecia, acima de tudo, o uso delas como uma fonte legítima para a análise de características da ciência nos institutos públicos brasileiros.

INCTox, dos quais coordena um deles em História da Saúde de Belterra-PA, desde 2008. Iniciou parceria de trabalho com Vanzolini durante o Mestrado quando este colaborou na formulação das hipóteses relacionadas ao meio ambiente e organização social das populações pré-históricas da porção Centro-Norte do Estado de São Paulo. Como incentivador do doutoramento, tendo como objeto o Instituto Butantan entre as décadas de 1920 e 1940, Vanzolini coordenou a revisão e organização das correspondências do ex-diretor Afrânio do Amaral.



Fotografia 1  
Suzana, Vanzolini e Myriam na Juriti.  
Foto: Valdemar (o garçom), 2006.

Como resultado desta sua motivação foi possível a leitura de todas as cartas, a identificação dos envolvidos, entre pessoas e instituições, e os contextos inseridos nas temáticas abordadas ao longo do tempo, tornando-as fonte de pesquisa a respeito do Instituto Butantan e de Afrânio do Amaral entre as décadas de 1920 e 1980.

Tão importante quanto o resultado a que chegamos ao final da pesquisa, ou mesmo à quantidade de trabalho acumulado, foi termos sido privilegiadas e contagiadas pela generosidade do professor Vanzolini, pela sua sabedoria e sinceridade a cada dia de pesquisa.

## Inicia-se a pesquisa: as correspondências

O acervo de Afrânio do Amaral, composto por 1800 cartas, foi doado pela neta do cientista a Paulo Vanzolini em 2003, tendo como intermediária Mariana Vanzolini, uma de suas filhas. Em julho de 2009, Vanzolini repassou, em nome da família de Afrânio do Amaral, todo o arquivo do cientista ao Instituto Butantan.

Com auxílio das autoras, Vanzolini leu, pesquisou e identificou, tanto quanto possível, interlocutores, assuntos e datas de cada uma delas. Ressaltamos que o possível foi, na verdade, muito mais do que podíamos imaginar de início. Acreditamos que ele próprio se espantou, na medida em que foi tomando gosto pela pesquisa, do quanto o círculo de relacionamento de Afrânio do Amaral era o mesmo de tantos outros herpetólogos da mesma geração ou um pouco mais novos, como era o caso do próprio Vanzolini. Desta forma, raras foram as temáticas e os interlocutores não identificados, restando poucas lacunas a serem solucionadas.

Após longas conversas entre Myriam e Vanzolini, e frente a um novo desafio, junto com a recém-contratada historiadora do Butantan, Suzana, resolvemos, numa mesa de bar na “A Juriti,” iniciar a leitura das cartas, de que Suzana aproveitaria parte do conteúdo em seu doutoramento.

3

O “Espaço” era como ele chamava a casa vizinha à dele na vila onde morava. Neste local funcionou durante um tempo o escritório da MVA Planejamento e Consultoria Ambiental S/C Ltda., e hospedava e recebia amigos e colegas para seus encontros de ciência e música.

4

W. Ronald Heyer é pesquisador do Museum of Natural History, da Smithsonian Institution, Washington. Herpetólogo amigo de Vanzolini, o acompanhou e coletou em vários trabalhos de campo e no Museu de Zoologia da USP colaborou na identificação e descrição de anfíbios. Geralmente vinha para São Paulo com sua esposa Miriam e ficavam hospedados no “Espaço”.

Myriam já vinha há anos trabalhando com Vanzolini no Museu de Zoologia da USP e em campo. Foi ele, mestre e amigo, quem a introduziu na Herpetologia do Instituto Butantan e, por isso, sabia bem que grande parte das decisões tomadas por ele na Juriti não eram esquecidas, pelo contrário, era nesse ambiente que a maioria das resoluções eram compartilhadas. Aprendíamos isso rapidamente, pois percebíamos que a paixão dele pelo trabalho não se esvaziava no decorrer das horas do dia; ele continuava a nos provocar, relacionando ciência e arte, passado e presente, com uma mistura inconfundível de seriedade e ironia.

Apesar da Juriti ser para nós um boteco no Cambuci, com paredes cobertas por azulejos antigos, balcão de aço inox e fórmica, funcionando há mais de 50 anos, para ele era quase a extensão da sua casa. Como o trabalho era encarado como uma mescla bem dosada de seriedade e prazer, as conversas eram intercaladas pelas famosas entradas e pratos de codorna, rã, frutos do mar, pastéis e a linguiça “Joana D’Arc”, literalmente preparada no álcool em chamas. Tudo regado a uma boa cerveja gelada. Os garçons da velha guarda, ainda hoje recebem clientes de longa data tal como Vanzolini, como velhos amigos e assim não era preciso se esforçar muito para fazer o pedido e ser atendido rapidamente. Às vezes, chamávamos outras pessoas para nos encontrar na Juriti e, outras, ele mesmo tinha seus convidados. A mesa, no andar de cima, era sempre a mesma, o garçom, também o mesmo, era apelidado de “bigode” e, segundo Vanzolini, de “Saddam Hussein”, pela aparência semelhante. A cerveja, Brahma, muito gelada, e o copo americano, que ele sempre exigia. Os convidados de Vanzolini, com frequência, eram seus ex-alunos, músicos, amigos e hóspedes do “Espaço”<sup>3</sup>, e por lá passaram Celso Morato de Carvalho, Ronald Heyer<sup>4</sup>, Marília Kerr, Cristina Murgel, Fernando d’Horta e Carolina Castro-Mello, Ricardo Dias, Francisca do Val, entre outros queridos por ele.

Como não podia ser diferente, apesar do assunto já ter sido levantado algumas vezes, foi na Juriti que resolvemos seriamente começar a abrir as

caixas e olhar as cartas, sem ter noção do volume documental e de sua tipologia.

A partir de 29 de novembro de 2005, data que abrimos oficialmente as primeiras caixas que continham as cartas, recortes de jornal, postais e manuscritos diversos, material esse que ainda não foi totalmente identificado, nossas visitas a Vanzolini tornaram-se periódicas. Semanalmente nós duas saíamos do Butantan por volta da hora do almoço, às vezes fazíamos um lanche no caminho, outras vezes um almoço corrido na instituição, para chegar no horário e data combinados, não prejudicando o andamento da pesquisa. Vanzolini era muito rigoroso com horários e metódico com o serviço, realmente um sistemata. Olhava o tempo todo para o relógio e programava sua rotina de acordo com ele.

Esta era nossa rotina: duas horas da tarde, chegávamos à vila, travessa de uma rua, no Bairro do Cambuci. No interfone pedíamos para a Ana Bernardo, sua segunda esposa e companheira, abrir o portão e entrávamos com o carro. Na sala, ele sempre nos aguardava sentado em sua poltrona de couro, comprada segundo ele, em um “lixão” e posteriormente reformada. Após os cumprimentos, sempre, sem exceção, a primeira coisa que ouvíamos era: - *E Butantan?* Dizia ele... e assim iniciávamos um dia de trabalho. Após breve conversa nos dirigíamos à mesa e organizávamos o material da pesquisa depois de retirar as caixas de papelão que ficavam embaixo da escada, contendo as cartas. Ana havia separado este local para armazenarmos as caixas durante o período da pesquisa, e nos comprometemos em sempre deixar tudo organizado. Seleccionávamos as cartas do dia e começava a leitura.

Quando pretendíamos ir até sua casa fora da data combinada, ligávamos para avisar e ele, ao atender, questionava, *Ana! Ana! As meninas podem vir aqui amanhã?* E em seguida respondia, *Venham! Depois do trabalho, Juriti.* Desligávamos o telefone já com sorriso estampado na cara; Trabalhar com Vanzolini, trocar ideias, discutir sobre herpetologia, relacionando-a a outras áreas como a história,

geografia, antropologia, arqueologia, artes e, depois tomar cerveja, era o máximo!

Vanzolini não permitiu que gravássemos a pesquisa, deixando claro que o mais importante não era a informação que ele partilhava, mas como nós três afinávamos nossos critérios para a catalogação das cartas. Claro que ainda achamos que teria sido um registro oral importantíssimo, pois muita coisa se perdeu entre as nossas conversas e as lembranças dele, mas, por outro lado, ganhamos em espontaneidade e disciplina, que aos poucos apuramos com a intenção em registrar cada fala que complementava o assunto discutido. Além disso, nos fartamos de registrar tudo com fotografias, como memória da pesquisa.



Fotografias 2  
Suzana e Myriam na sala da casa, em tardes científicas com Vanzolini.  
Foto: Calleffo e Fernandes, 2006 a 2008.



## A casa como um ambiente científico

Trabalhávamos geralmente na mesa da sala onde o material era espalhado. A sala de Vanzolini era decorada por obras de arte, livros, telas e pinturas de Carybé, Marcelo Grassmann, Francisca do Val (Chica) e Zé Claudio, além de objetos que ele ganhava de seus amigos e alunos. Objetos como: réplicas de animais, estatuetas antropomórficas, peças arqueológicas, cachimbos e chapéus que remetem aos seus trabalhos de campo, ciência, arte e música. Uma mesa pequena no centro da sala foi feita do desmanche de um caixote de madeira sucupira, vinda do Acre, em viagem ao rio Purus com

5

Vanzolini tinha uma postura categórica quanto às correspondências pessoais (que versavam sobre a família) de Afrânio do Amaral. Em sua opinião tais correspondências deveriam ser reencaminhadas à família, se esta assim o desejasse. Durante o trabalho entramos em contato com a família de Afrânio do Amaral que entendeu que a correspondência deveria ser mantida junta, portanto permanecendo o conjunto intacto. Numa entrevista com a filha de Afrânio do Amaral, realizada em 2010, esta mesma postura foi reafirmada, quando a mesma sinalizou que acreditava que seu pai teria aprovado que fosse o Instituto Butantan o depositário das ações desenvolvidas pelo cientista ao longo de toda a sua carreira, que tanto se misturou com a sua vida particular.

Patterson, que o próprio Vanzolini quis e decorou com os azulejos de Arnaldo d’Horta.

Como a casa de Vanzolini era um sobrado, numa vila herdada de seu pai, vez ou outra, principalmente no inverno, trabalhávamos no quarto de TV, no andar de cima. Devido à idade e à dor nas pernas, que eram cada vez mais frequentes, pois sofreu várias operações na adolescência por um grave problema nos ossos, ele tinha dificuldade em subir e descer as escadas muitas vezes ao dia. Quando não estava trabalhando, se aconchegava numa poltrona articulada no quarto de TV onde ouvia notícias, via futebol, lia romances e *pocket books*, principalmente policiais. Ao lado de sua poltrona o telefone no qual ele prontamente atendia ao primeiro toque, *Pronto!*

Nesse ambiente, Vanzolini lia cada carta e comentava, nós anotávamos os comentários e fazíamos questões pertinentes. Vez ou outra, relíamos a carta para destrinchar as dúvidas que, no geral, diziam respeito a assuntos em andamento e que, portanto haviam sido iniciadas em outra correspondência que, via de regra, aparecia na sequência. Quando isso não acontecia, cabia a nós a tarefa de tentar, pela data e interlocutor, descobrir onde o assunto começava. Não raro era ele quem resolvia estas questões, confirmação de sua boa memória. Em uma primeira triagem, separávamos em pilhas as cartas que iríamos ter que analisar novamente, as já resolvidas, as que seriam devolvidas à família<sup>5</sup> e as dúvidas. No final do dia, guardávamos as cartas lidas e já numeradas, nas novas pastas etiquetadas com as referidas datas-limite. As restantes eram conservadas nas caixas antigas e voltavam para baixo da escada, aguardando o próximo dia de trabalho. Nas etapas seguintes, após mais familiaridade com o conteúdo geral, a maioria delas foi rearranjada e algumas cartas chamaram a atenção por se referirem a assuntos que ainda hoje serviriam de referência para alguém e, neste caso, Vanzolini pedia para que informássemos ao interessado.

Por mais que tentássemos, não conseguíamos mensurar o número estimado de cartas que olhávamos por dia, pois tudo dependia da nossa disposição que, claro, variava muito entre ouvir mais e

perguntar menos, ou em terminar uma caixa que parecia infundável. Sempre, no meio da tarde, havia a pausa para o café, muito importante, já que os grãos trazidos da fazenda de Ricardo Dias, cineasta e amigo de Vanzolini, e produtor dos filmes, *No Rio da Amazonas*, *Calangos do Boiaçu* e *Um Homem de Moral*, eram muito elogiados. Aos poucos sentíamos que estava chegando a hora da fala: *Ana! Ana! Cadê o café? A Ana faz um ótimo café, ainda mais o café que Ricardo traz da fazenda.* Tomava café sempre forte e encorpado, puro e com pouco açúcar. Durante o café o assunto era outro. Mas de volta à mesa, retornávamos às cartas...

As correspondências foram classificadas por data, destinatário, remetente, assunto, instituição, localidade (cidade e país) e observações pertinentes, quando necessárias. Quando havia mais de uma página, ou cópia a ser encaminhada a outro destinatário, também anotávamos.

As cartas datam de 1923 a 1982 e, em sua maioria, tinham como destinatário o próprio Afrânio do Amaral. As exceções correspondiam aos casos em que a resposta era guardada e nos casos de trocas sistemáticas de correspondência que indicavam longos debates.

As correspondências provinham de diversas instituições, de colegas de profissão, de amigos pessoais, de políticos da época e de familiares. Os remetentes e as instituições chamavam mais a atenção de Vanzolini, que sempre fazia comentários sobre a importância de um ou a incompetência de outro, demonstrando, no entanto, sempre um enorme respeito pelas instituições ali representadas.

Como grande parte das cartas dizia respeito ao **Antivenin Institute** coube a Vanzolini esclarecer que esta instituição era composta de museus, laboratórios de pesquisa e produção para a divulgação sobre o antiveneno, além de serpentários nos Estados Unidos e no Panamá. Mas, segundo Vanzolini, o **Antivenin Institute** foi também o responsável por lançar um dos primeiros periódicos dedicado exclusivamente ao tema do ofidismo, o *Bulletin of the Antivenin Institute of America*. Essas observações de Vanzolini eram de extrema

importância, pois eram pistas para que pudéssemos aprofundar nossos conhecimentos.

Seja pelo fato de ter frequentado muitas das instituições apresentadas nas cartas, como Harvard, Smithsonian, Museu Paulista, dentre outras, ou mesmo por ter conhecido as pessoas contatadas por Afrânio do Amaral, mantendo relações de amizade com muitas delas, Vanzolini nunca se acanhava em falar sobre os aspectos profissionais e não profissionais que faziam parte de suas lembranças.

Sempre comentava sobre a imensa variedade de instituições e de assuntos ao qual Afrânio do Amaral estava ligado, indicativos, segundo Vanzolini, de que o negócio de Afrânio não era a ciência em si, mas o que ela significava em termos de influência. Devido a isso, muitos assuntos eram inicialmente definidos como amenidades. Causou espanto o fato de que apenas uma parcela das cartas dizia respeito à Ofiologia, área na qual o cientista é reconhecido no Instituto Butantan. Seus interesses transitavam por temas correlatos como coleções zoológicas, nomenclatura zoológica, filologia, instituições públicas, educação e ética em ciência, colaboração internacional, mas pouco versavam sobre suas pesquisas no Butantan.

Dirigidas a vários países as correspondências em inglês, francês ou espanhol eram traduzidas por Vanzolini, bem como aquelas que apresentavam apenas siglas ou iniciais de nomes, instituições ou manuscritos com assinaturas que nos pareciam impossíveis de decifrar. Além disso, corrigia os nomes próprios e escrevia por extenso os nomes das instituições que normalmente apareciam em forma de siglas, como no exemplo a seguir:

Carta N° 114 (Figura 1)

*Data: 17 de dezembro de 1946*

*De: Arthur Lowerdge - Cambridge - Massachusetts (EUA)*

*Para: Afrânio do Amaral*

*Assunto: sobre literatura. Afrânio do Amaral solicita microfilmes.*

Corrigido por Vanzolini com detalhes:  
*De: Arthur Loweridge - Museum of Comparative  
Zoology (MCZ) - Harvard University (EUA).*

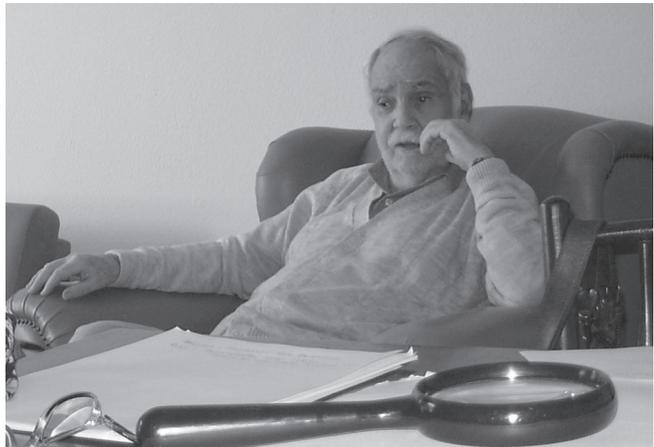
Figura 1  
Manuscrito de Arthur Loweridge  
para Afrânio do Amaral (carta  
n°114)

Fonte: Acervo Instituto  
Butantan/ Núcleo de  
Documentação)

6  
Thomaz Barbour, o Tom,  
foi diretor do Museum of  
Comparative Zoology (MCZ) de  
Harvard e, junto com Afrânio do  
Amaral, do Antivenin Institute  
of America.

114  
27 EVERETT STREET  
CAMBRIDGE  
MASSACHUSETTS  
Dec. 17th, 1946.  
Dear Amaral,  
Thank you for your Christmas  
greetings to us all, also an earlier f.c.  
which I do not think I acknowledged. I  
will send your request for microfilm  
off by air to Malcolm Smith who will  
handle it more expedately than my ageing  
relatives. I had some things microfilmed  
in Washington for Malcolm Smith a couple  
of years ago in connection with his book  
"A Physician at the Court of Islam," that is  
due to come out next year.  
I hope this will catch you before  
your departure. Please give my cordial  
regards to your wife and daughters, and  
with best wishes for a pleasant journey  
home  
Yours sincerely  
Arthur Loweridge

Fotografia 3  
Vanzolini em sua poltrona de  
couro na sala de sua casa, na  
pausa do trabalho.  
Foto: M. E. V. Callefo, 2007.



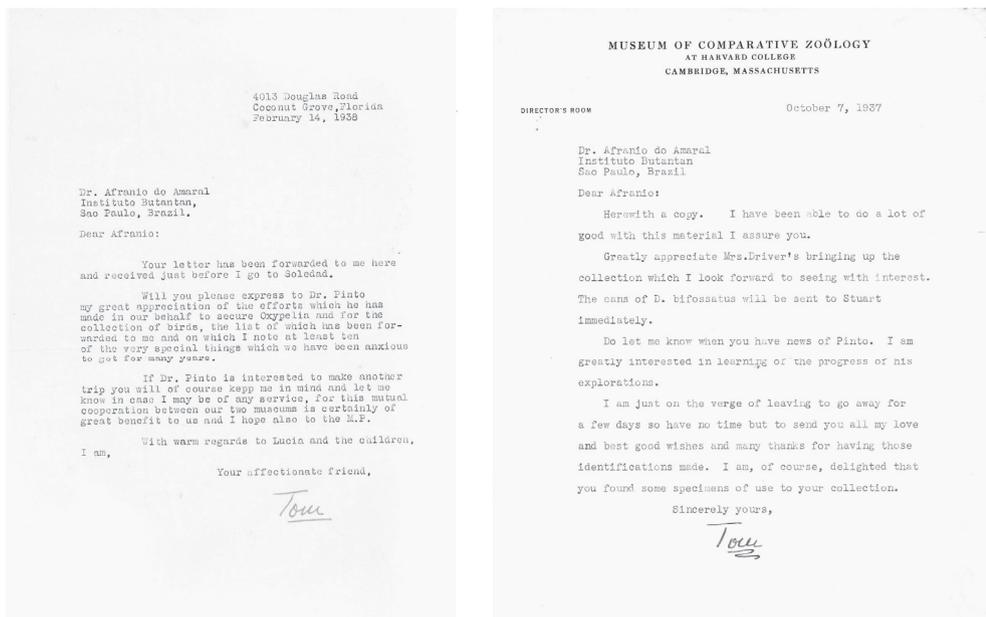


Figura 2  
Duas cartas (cartas nº1386 e 1387) de Thomas Barbour para Afrânio do Amaral. Algumas cartas oficiais eram identificadas também pelo timbre e outras só pela assinatura do remetente.  
Fonte: Acervo Instituto Butantan/ Núcleo de Documentação)

7  
Johann Georg Wagler foi um Herpetólogo alemão assistente de Johann Baptist von Spix, sucedendo - o após sua morte como Diretor do Museu Zoológico da Universidade de Munique.

8  
Olivério Pinto, ornitólogo brasileiro, descreveu dezenas de espécies de aves brasileiras. Foi Diretor do Museu Paulista, criador e editor das publicações científicas Arquivos de Zoologia e Papéis Avulsos que até hoje representam a produção científica da instituição.

Fez o mesmo com os timbres das instituições e até mesmo com as marcas d'água nos papéis de carta já gastos e quase invisíveis. Vanzolini, sistemata e cauteloso, não deixava passar nada. Seus óculos, pois eram vários, segundo ele: *Quem tem um, não tem nenhum* e sua lupa de mão, sempre o acompanhavam.

Sobre os remetentes, Vanzolini fazia comentários pertinentes, mas também muitas vezes engraçados e sarcásticos. Thomas Barbour<sup>6</sup>, conhecido por Tom, em assinatura identificada por Vanzolini, foi diretor do Museum of Comparative Zoology (MCZ), e sobre ele Vanzolini comentou: *Barbour era da Academia de Cuba, desfilava com toga azul, parecia o amante do Papa!* – seguido de risadas. Da mesma forma, ainda no início da pesquisa, quando vimos o nome completo de Afrânio, Vanzolini achou graça com o nome Pompilho, que lhe era desconhecido.

Neste contexto, e à medida em que começamos a perceber qual era o tom geral das correspondências, Vanzolini passou a comentar cada vez mais sobre os principais contatos de Afrânio do Amaral:

*Afrânio fez a tese dele sobre elefantíase, mas foi trabalhar com o Barbour do Museu de Harvard e depois com Stejneger do Smithsonian, que também foi chefe da Comissão de Nomenclatura Zoológica. Afrânio acabou substituindo ele nessa Comissão. Também trabalhou com as serpentes da América Central e em suas listas remissivas só descrevia serpentes não peçonhentas.*

No entanto, de todas as lembranças que tinha desse grupo de pessoas, a mais viva era aquela que tinha do que foi possivelmente o único encontro profissional de Vanzolini e Afrânio do Amaral: um dia, Vanzolini queria ver um trabalho do Wagler<sup>7</sup> que só o Afrânio dizia ter em casa. Olivério Pinto<sup>8</sup>, que era diretor do Museu Paulista na época, indicou e escreveu um bilhete recomendando Vanzolini a Afrânio. Vanzolini, então de posse desse bilhete, foi até a casa de Afrânio, na Rua Bela Cintra, no Bairro dos Jardins, em São Paulo. Afrânio nem o convidou a entrar, ele ficou esperando na porta. Em seguida trouxe um pedaço de papel com a referência anotada, o que fez Vanzolini questionar se ele tinha mesmo a tal publicação. Divertia-se ao contar esta passagem de sua formação, lembrando que, naquele momento, ele era apenas um aluno para Afrânio.

Passou pelas cartas que falavam dele também, pois sua passagem pelo Instituto Butantan, como estagiário e como interessado em seguir carreira na instituição, foi um marco importante em sua trajetória.

Vanzolini tinha um carinho especial por José Ribeiro do Vale (Dr. Juquita) e por Flávio da Fonseca, ex-diretores do Butantan que, segundo ele, eram cientistas sérios e pessoas de bem. Ele contou que após estagiar no Butantan, Alcides Prado não o quis na Seção de Ofiologia (hoje Herpetologia), sendo aceito para a Seção de Endocrinologia por Flávio da Fonseca, onde escreveu seu primeiro trabalho com *Bothrops alternatus* (urutu), chegando a trabalhar com a espécie no Instituto Butantan. Contou-nos que uma vez foi picado por uma urutu, quando se assustou com o barulho de uma porta batendo durante a alimentação do animal.

Figura 3

Carta de A. R. Hoge (carta nº261) com declaração do laboratorista Pedro Villela para Afrânio do Amaral, citando P. E. Vanzolini como técnico do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura e a coleção de lacertílios.

Fonte: Acervo Instituto Butantan/  
Núcleo de Documentação

INSTITUTO BUTANTAN

CAIXA POSTAL 65  
SÃO PAULO — BRASIL

N.º ..... BUTANTAN, 12 de Janeiro de 1954.-

Ao Ilmo. Sr.  
Prof. Dr. Afrânio do Amaral  
DD. Diretor efetivo

Prezado Sr. Diretor:

Em resposta ao seu Memorando nº 09609 de 9/1/54, tenho a informar-lhe que, a coleção de lacertílios foi cedida ao Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, pelos seguintes motivos:-

- 1º. A coleção me foi pedida pelo Sr. Paulo Emílio Vanzolini, técnico do Departamento supra citado, afim de completar os seus estudos de revisão dos lacertílios do Brasil.
- 2º. Na data do pedido achava-se o laboratório de Ofiologia em plena mudança, com grandes dificuldades de espaço e ainda com falta de vasilhame para um desdobramento da coleção.
- 3º. Não estava o Instituto no momento, interessado no estudo dos lacertílios.

Por estas e unicamente por estas razões, ficou resolvido de acôrdo com o parecer do então diretor do Instituto Butantan, Prof. Dr. Dorival da Fonseca Ribeiro, a doação da referida coleção.

Quanto à alegação de se achar mal cuidada a coleção, cumpre-me informar o seguinte:

No momento da entrega o material estava em soluções adequadas, porém grande número dos exemplares se encontravam com o "stratum corneum" parcial ou totalmente destruído.

Alguns exemplares também estavam macerados, e isto é devido ao fato de ter sido adicionado ao líquido conservador Salicylato de Methyla. A adição foi feita numa data não determinada, porém anterior à minha curadoria. O efeito keratolítico do Salicylato de Methyla é bem conhecido e recentemente Haurowitz (1) demonstrou a ação proteolítica em geral.

(1) Haurowitz, F. - Chemistry and Biology of proteins, Academic Press, p. 126, New York, 1950.

Tenho a lhe informar ainda que também na coleção de ofídios, grande quantidade de specimens são absolutamente inutilizáveis para os meus estudos da estrutura submicroscópica da pele de cobra. Convém notar que nos primeiros meses que se seguiram à entrega da coleção de serpetologia aos meus cuidados, substituí imediatamente todas as soluções contendo salicylato de Methyla por líquido conservador adequado, ou seja álcool. Mas apesar desta medida ainda agora muitos specimens desprendem o cheiro característico da droga keratolítica.

Quanto à rotulagem, existem de fato nessa coleção de lacertílios muitos rótulos (de metal) completamente ilegíveis, impedindo conseqüentemente a sua substituição, isto já desde o tempo em que a coleção me foi confiada. A coleção de ofídios também se achava nas mesmas condições e muitos exemplares, embora com rótulo de metal, tiveram que ser lançados como de procedência desconhecida.

Sem mais, e ao dispôr de V.S. para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários, subscrevo-me,

Atenciosamente,

A. R. Hoge  
Chefe do Laboratório de Ofiologia

Anexo: Uma declaração do Sr. Pedro Villela.

INSTITUTO BUTANTAN

CAIXA POSTAL 65  
SÃO PAULO — BRASIL

V.º .....

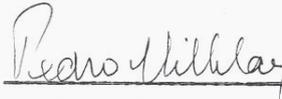
BUTANTAN, 12 de Janeiro

de 1954.

DECLARAÇÃO

Eu, abaixo assinado, PEDRO VILLELA, laboratorista d'este Instituto, declaro para os devidos fins que a coleção de lagartos achava-se em solução adequada na data de sua saída do Instituto Butantan.

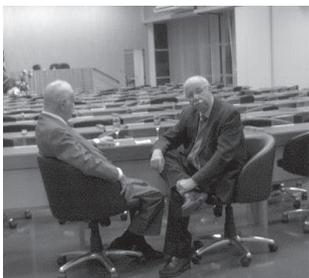
Tenho ainda a declarar que por falta de vasilhame, às vezes tinha especimens demais nos vidros, não podendo assim ser mantida a relação entre o volume de exemplares e o volume de álcool. Relação esta que me foi indicada pelo chefe da Secção de Ofiologia.



Pedro Villela

Nesta época o Butantan já lhe era familiar, pois quando tinha dez anos ganhou uma bicicleta de seu pai, que era Engenheiro da Escola Politécnica da USP, e como morava nas proximidades da Cidade Universitária, ia todos os dias à instituição ver as cobras no Serpentário. Dizia também que trazia numa caixa de fósforos aranhas, principalmente *Lycosa* para trocar por cobras e assim começou sua coleção, tornando-se um dos fornecedores de animais do Instituto Butantan. Em sua ficha estão registrados quantos e quais animais ele trazia ao Instituto. Essa ficha, entre outras tantas do Cadastro de Fornecedores de Animais, está catalogada em arquivos por ordem alfabética. Por ser parte do





Fotografia 4  
Conversando com o amigo  
William Saad, antes da cerimônia de doação do seu acervo para o MZUSP, na Sala do Conselho Universitário, USP.  
Foto: MEV Calleffo, 23 de abril de 2008.

9  
William Saad, conhecido por seu trabalho em Bioética é médico cirurgião, formado pela USP, e foi um dos fundadores da Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas de Botucatu da qual é professor emérito.

presença de colegas e amigos, como William Saad<sup>9</sup> (Fotografia 4). Vanzolini sempre comentava que seu acervo foi muito bem avaliado comercialmente, mas que o fez pensando no museu. O dinheiro ganho com a música ajudou na compra de muitos livros.

O interesse por zoologia de vertebrados levou Vanzolini a cursar a Faculdade de Medicina, onde tinha um ótimo curso de anatomia. Ainda nos tempos da medicina no Hospital das Clínicas onde frequentava, Vanzolini foi contratado, na disciplina do professor Munhoz Cintra, para fazer trabalhos de estatística para os médicos, William Saad o ajudava e anos mais tarde acabou assumindo a disciplina. Vanzolini diplomou-se em 1947, um ano antes de seu colega e amigo Isaias Raw, com quem, trabalhou na criação da FAPESP e no Projeto de Lei (GR/USP N° 81 de 11 de dezembro de 1961) da criação da UNICAMP. Saad também acompanhou Vanzolini no processo de elaboração da lei da FAPESP.

No final da década de 1940, embarcou com a primeira esposa para os Estados Unidos e lá se tornou Doutor em Zoologia, pela Universidade de Harvard, abandonando de vez a Medicina, sem nunca ter clinicado. Ao retornar ao Brasil, fez sua carreira inteira na Universidade de São Paulo, sempre se relacionando com as outras instituições que mantinham pesquisa sistemática na mesma área que a sua.

Vale lembrar que a zoologia brasileira se estabeleceu no começo do século XX, fundada nos catálogos do Museu Britânico que incorporavam a contribuição dos viajantes. Para Vanzolini, as viagens dos primeiros naturalistas resultaram em um rápido conhecimento da fauna brasileira. Os vertebrados do Brasil estavam mais bem cadastrados do que, por exemplo, os vertebrados americanos (Vanzolini, 1996). Vanzolini tinha uma admiração pelo naturalista Alexandre Rodrigues Ferreira, que realizou uma vasta viagem no século XVIII percorrendo o interior da Amazônia até ao Mato Grosso, localidades que ele também passou. Vanzolini comentava que durante a expedição, Alexandre descreveu a agricultura, a fauna, a flora e os habitantes locais, o que de fato um zoólogo deve retratar para entender o ecossistema. O naturalista, em seu *Diário*

Fotografia 5  
Participação de P. E. Vanzolini  
na arguição da Tese de  
Doutoramento de Suzana C. G.  
Fernandes, na FFLCH/ USP.  
Foto: MEV Calleffo, 2011.



*da Viagem Filosófica*, inventariou a natureza, as comunidades indígenas e seus costumes, avaliou as potencialidades econômicas e o desempenho dos núcleos populacionais. Foi a mais importante viagem durante o período colonial.

## Comentários Finais

Nossas idas à casa de Vanzolini, antes de tudo eram aprendizados. Aprendizados de vida, de histórias e estórias, de ciências, de vivências e convivências, e, sobretudo de amizade e moral. Vanzolini foi um mestre dedicado e atencioso, mas principalmente um homem disposto a passar seus conhecimentos a alunas interessadas em assuntos diversos. Nós, Suzana, historiadora vinda da arqueologia e Myriam, bióloga, também com passagem na arqueologia, onde nos conhecemos, tínhamos interesses comuns, mas nem sempre. Fascinadas em conversar e discutir com ele, nos empenhamos para fazer um bom trabalho e aproveitar o melhor dele. Devido a forte ligação de Myriam com o Butantan, desde a época de estagiária, quando também estagiou com ele no Museu de Zoologia da USP, criando um vínculo em que o Butantan era central. Vanzolini foi quem iniciou Myriam na herpetologia, além de ter sido um grande motivador de estudos sobre a história do Instituto Butantan, que tanto conhecia.

10  
Instituto Nacional de Ciência  
e Tecnologia em Toxinas  
(INCTTOX).

11  
Durante a Segunda Guerra  
Mundial, Zeca era um dos  
poucos habitantes de Santarém  
que possuíam aparelho de  
rádio, e vivia ligado no jornal  
da guerra, escutando as noti-  
cias pelas ondas médias da BBC  
de Londres. Ao acabar o notici-  
ário, ele já saía espalhando pela  
cidade as novidades. Por isso, o  
apelido lhe caiu como uma luva.  
Surgiu a Oficina Mecânica BBC,  
o Estaleiro BBC de Construção  
Naval e, na política, quando foi  
candidato a vereador, sua chapa  
de votação tinha os registros  
de José da Costa Pereira, e o de  
Zeca BBC, como era mais conhe-  
cido. Foi eleito com votação  
arrasadora e quase sem sair de  
casa.

Por isso, muitos assuntos discutidos nas cartas de Afrânio eram por nós comentados a respeito de espécies, de zoólogos, instituições, pesquisadores herpetólogos, etc. Suzana se interessava mais pelas questões sociais e pelos contextos históricos, pelo Afrânio enquanto diretor e, assim, Vanzolini se desdobrava para atender às nossas necessidades e suas próprias curiosidades. Vanzolini achou o trabalho com as cartas relevante, pois revelou os trâmites de Afrânio dentro e fora do Instituto. Como mestre e amigo, sempre aconselhou Suzana sobre sua tese de doutoramento, Vanzolini sugeriu que não enaltecesse a figura de Afrânio, que fosse justa no conteúdo de sua dissertação. Esteve presente nas discussões finais, lendo e revisando a tese de Suzana com comentários, inclusive no dia de sua arguição (Fotografia 5).

Sabíamos que a paixão de Vanzolini ia além do museu. Ele sempre dizia que ficar velho o chateava por dois motivos: não poder mais viajar e perder seus amigos contemporâneos. Em 2008, entramos no projeto Butantan Amazônia no âmbito do INCTTOX<sup>10</sup> Como Vanzolini trabalhou muito tempo em campo e dirigiu a Expedição Permanente da Amazônia, executada pelo Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Governo do Estado de São Paulo, nós nos aproximamos mais ainda de suas lembranças. Para Vanzolini o dia na Amazônia: “Ou se está viajando de barco, ou procurando bicho no mato, ou se está na rede. É importante descansar!”. Vanzolini discorria sobre suas viagens na mesa da Juriti ou na hora do café em sua casa. Morou em Oriximiná enquanto construiu seus barcos, Lindolpho Guimarães e Garbe em 1967, e viajou por vários afluentes do Amazonas, conhecendo a intimidade da população ribeirinha e coletando informações, vestígios arqueológicos e fauna. Cada viagem que nós fazíamos, discutíamos com ele sobre a metodologia e as paragens. Em Santarém, foi amigo de Zeca BBC<sup>11</sup>, que tinha uma oficina mecânica de barcos e era pai de seu também amigo Márcio Ayres, biólogo que estudou os primatas da Amazônia e idealizou a criação da

12

José Claudio da Silva é pintor, desenhista e artista pernambucano. Na década de 1970 viajou com Vanzolini pela Amazônia onde pintou e rabiscou diversos momentos, animais e personagens da viagem.

13

Documentário de 76 minutos na Amazônia, de Belém a Manaus, que trata particularmente da ecologia da região, com ênfase no modo de vida das populações ribeirinhas do baixo Amazonas, produzido em 1995, pelo cineasta e amigo Ricardo Dias. Distribuição Superfilmes.

reserva de Mamirauá há 600 km oeste de Manaus. Por ocasião da 64ª Reunião da SBPC, em São Luís do Maranhão, visitamos o stand do Instituto Mamirauá e adquirimos material sobre o Instituto e a Reserva Mamirauá, o qual presentamos Vanzolini com um livro ilustrado sobre os projetos do Mamirauá iniciados por seu amigo Márcio, falecido em 2003. Coincidência ou não, em 2011, Cristovam Sena, como parte do Projeto Memória Santarena do Instituto Cultural Boanerges Sena, lançou um livro em homenagem ao Zeca BBC de Santarém, na comemoração aos 350 anos da cidade. Vanzolini recebeu o livro com dedicatória do Cristovam por nossas mãos. Desde a primeira vez que mostramos as fotografias das viagens, Vanzolini se emocionou conosco ao ver a vila de Alter do Chão, localidade na beira do Tapajós, oeste do Pará, na qual ele trabalhou anos atrás, antes da paisagem urbana devastar o cenário bucólico de sua mente. No rio Trombetas, Vanzolini esteve nos tabuleiros das tartarugas e numa das viagens a Oriximiná foi acompanhado pelo antropólogo Eduardo Galvão. José Cláudio<sup>12</sup>, em seu diário de viagem ao Amazonas, descreve uma situação em que Vanzolini, junto com a tripulação do barco e com seus colegas Chica, Heyer e esposa, limpa um jabuti que é preparado pelo cozinheiro. Zé Claudio estava em uma das viagens pelo rio Madeira, onde o barco de Vanzolini foi confiscado e retido em Porto Velho. Foi aí que Zé Claudio, então, aproveitou para pintar. As telas produzidas nessa viagem foram vendidas por um marchand para o Governo do Estado de São Paulo e estão expostas no Palácio do Governo. Heyer levou uma das telas para o Museum of Natural History, da Smithsonian Institution, Washington.

Visitamos e trabalhamos em várias localidades em que ele esteve, Manaus, Belém, Santarém, Óbidos, Oriximiná, Faro, Alter do Chão, comunidades do Tapajós e do Trombetas... aquela população da Amazônia de fato foi muito bem retratada no documentário “No Rio das Amazonas”<sup>13</sup>, produzido pelo cineasta e amigo Ricardo Dias com a participação de Vanzolini.

O mais importante e formidável de toda nossa pesquisa foi a convivência com Vanzolini, *Um*

*Homem de Moral* a quem agradecemos as incansáveis horas de trabalho, de amizade e de lazer.

## Agradecimentos

Agradecemos a Ana Bernardo por sua hospitalidade, carinho e atenção em nos receber semanalmente, fazendo de sua casa nosso local de trabalho. A Cibele C. Barbarini, pela leitura e sugestões e, em especial ao Professor Vanzolini, nosso querido mestre pela orientação e amizade e principalmente pelas horas de discussões, entenda-se aqui bate-papos, intervenções científicas e *amenidades* como ele mesmo diria.

## Referências

- Amaral A. *Serpentes do Brasil: Iconografia Colorida/ Brazilian Snakes: a Color Iconography*. São Paulo: Melhoramento/MEC/EDUSP. 1977.
- Carvalho JCM. *Viagem filosófica pelas capitânicas do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1793)*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1983.
- Cavalcante I, Costa VR da, Shellard RC. Paulo Emílio Vanzolini. *Canal Ciência* [internet]. [1996]. Acessado em: 11/02/2014. Disponível em: [http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/paulo\\_emilio\\_vanzolini\\_49.html](http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/livros/paulo_emilio_vanzolini_49.html)
- Correspondências de Afrânio do Amaral: 1800 cartas (período de 1910 a 1980/Acervo IBu)
- Éleres P. Relato barcos. *Revista Pesquisa FAPESP* [internet]. [2013] Acessado em 10/03/2014. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2013/06/Relato-Barcos.pdf>
- Fioravante C. Olhar aberto sobre a biodiversidade. *Revista Pesquisa FAPESP*. n(208), jun./2013.
- Fernandes SCG. *O Instituto Butantan de 1928 a 47: estratégias científicas e a busca de um modelo institucional para a saúde*. [Tese] Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de

- Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.
- Fernandes SCG, Calleffo MEV. Correspondências de Afrânio do Amaral: resgate de uma trajetória acadêmica. In: resumos. *III Congresso Brasileiro de Herpetologia*. Belém (PA), 2007.
- Fernandes SCG, Calleffo MEV. Afrânio do Amaral. Ciência e Política. In: Magalhães LE (org.) *Humanistas e Cientistas do Brasil*. São Paulo: SBPC. (no prelo).
- Ferreira AR. Diário da Viagem Filosófica. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. 1887.
- Marques F. William Saad Hossne: O guardião da bioética. *Revista Pesquisa FAPESP*. [internet] [ago./2013] Acessado em: 20/04/2014. Disponível em: [revistapesquisa.fapesp.br/2013/08/13/william-saad-hossne-o-guardiao-da-bioetica/](http://revistapesquisa.fapesp.br/2013/08/13/william-saad-hossne-o-guardiao-da-bioetica/)
- Silva JC. Diário de uma Viagem ao Amazonas por José Claudio (desenhos, diários e ilustrações). *Terra Magazine* [internet]. [2008] Acessado em 21/04/2014. Disponível em: <http://mydailys-ketchbookblog.wordpress.com/2008/06/11/diario-de-uma-viagem-ao-amazonas/>
- Soto U. *Cartas através do tempo - o lugar do outro na correspondência brasileira*. Niterói (RJ): EDUFF, 2007.
- Vanzolini PE. Brasil dos Viajantes. A contribuição Zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. *Revista USP*. n(30), jun.-ago./1996.
- Varella D. Paulo Vanzolini: Brilhante na ciência e na música. [internet]. Acessado em 20/02/2014. Disponível em: <http://drauziovarella.com.br/audios-videos/estacao-medicina/paulo-vanzolini/>